

“Todos se engolem”: representações antropofágicas em *Cartas de um sedutor*, de Hilda Hilst

Vania Pereira Gumiero¹

Resumo

Entre as inúmeras chaves de leitura possíveis para a interpretação de um trabalho denso e heterogêneo como o de Hilda Hilst, a antropofagia parece trazer algo novo para a discussão. As imagens em torno do canibalismo e da ingestão da carne humana ocorrem em diversos volumes de sua prosa, mas, certamente, o caso mais interessante é o de *Cartas de um sedutor*, de 1991, no qual a questão antropofágica é trabalhada nos mais diferentes níveis: estilístico, linguístico, estrutural e semântico. Para realizar a análise da obra, foi, então, necessário atualizar o conceito da antropofagia tal qual proposto por Oswald de Andrade em seu *Manifesto Antropófago*, de 1928, a partir de uma vasta pesquisa nos inúmeros trabalhos produzidos sobre o tema desde a década de vinte. Elegemos dois autores a serem usados em nossa metodologia: a pesquisadora Beatriz Azevedo, com seu livro *Antropofagia – Palimpsesto Selvagem*, e o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, e seus estudos sobre as tribos indígenas brasileiras encontrados em *A inconsciência da alma selvagem*. A utilização desta dupla perspectiva, a primeira, literária, e a segunda, antropológica, contribuiu para dar sentido à aparente desorganização do romance, realizando um movimento inverso ao da antropofagia ritual, ao remontar, reconstituir, o corpo desmembrado do texto. Além disso, procuramos observar em que medida a própria complexidade narrativa, com seu desdobramento em cartas e contos, e seus personagens, sobretudo o protagonista Stamatius, poderiam ser classificados como antropofágicos. *Cartas de um sedutor* estabelece uma dialética entre a antropofagia, o erotismo e a morte (as duas últimas, figuras cruciais em sua composição, bem como em grande parte da literatura hilstiana), de modo a criar a expressão de um posicionamento autêntico e selvagem diante da voracidade da vida e de sua impiedosa violência. Expressão esta que perpassa, obrigatoriamente, pela noção de alteridade, sobre a qual o pensamento indígena, conforme veremos, tem muito a nos ensinar.

Palavras-chave

Hilda Hilst; Oswald de Andrade; antropofagia; erotismo

¹ Aluna do programa de Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH da Universidade de São Paulo (USP), onde obteve seu bacharelado (2012) e sua licenciatura (2015) em Letras. E-mail: v.gumiero@usp.br.

A partir de uma dupla chave de leitura fornecida pela questão antropofágica, a saber, literária e antropológica, a presente comunicação se propõe a investigar o protagonista do romance *Cartas de um sedutor*, de Hilda Hilst. Nossa investigação procura demonstrar que o narrador-mendigo Stamatius, o Tiu, pode ser classificado como um antropófago, mas, para isso, devemos, primeiro, explicar o que entendemos por antropofagia.

Na esteira do pensamento de Oswald de Andrade, cujo *Manifesto Antropófago* foi publicado em 1928, inúmeros estudos e pesquisas vêm sido feitos desde então. Sua intenção, claramente, é explorar o assunto que além de riquíssimo, mostrou-se muito controverso ao longo dos anos. As duas hipóteses que pareceram alinhar-se mais adequadamente com nossa própria linha de pensamento são a da pesquisadora Beatriz Azevedo, com seu livro *Antropofagia – Palimpsestos selvagens*, e o do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, com seus diversos trabalhos, sobretudo aqueles contidos no volume *A inconstância da alma selvagem*.

No livro citado, Beatriz Azevedo realiza uma rica e minuciosa análise do manifesto oswaldiano e de seus cinquenta e um aforismos. Entre muitas observações acertadas, sua conclusão, com a qual estamos plenamente de acordo é a seguinte:

Penso que a força da antropofagia oswaldiana resiste justamente por nos lembrar que o “homem primitivo”, o “homem nu”, “o homem natural”, ou seja, o antropófago, vive em todos nós não como passado ancestral a ser recuperado, não enquanto identidade nacional”, mas como uma dimensão vital e necessária, uma fonte matriarcal de desejo lúdico que questione as dominações patriarcais, do Estado, da família, da religião, da lógica, da gramática.²

Já o antropólogo carioca, ao mergulhar nos costumes de determinadas tribos indígenas brasileiras que praticavam o chamado canibalismo ritual, como é o caso dos Tupinambá e dos Araweté, constatou a existência de uma simbologia entre devorador e devorado, incompreensível dentro do modelo epistêmico moderno e ocidental:

A religião tupinambá, radicada no complexo do exocanibalismo guerreiro,

² AZEVEDO, Beatriz. *Antropofagia – Palimpsestos selvagens*. São Paulo: Cosac Naify, 2016, p. 215.

projetava uma forma onde o *socius* constituía-se na relação ao outro, onde a incorporação do outro dependia de um sair de si [...] a filosofia tupinambá afirmava uma incompletude ontológica essencial: incompletude da socialidade e, em geral, da humanidade.³

Da combinação dessas duas teorias nasce a concepção de antropofagia com a qual iremos trabalhar. Ou seja, por um lado temos a antropofagia como uma espécie de resgate de um princípio selvagem que subsiste no homem “civilizado”, contra qualquer espécie de opressão ou dominação, por outro, como uma nova maneira de ver e pensar o mundo e nossas relações intrapessoais, que parte do pressuposto de uma abertura à constante transformação do ser. Com isso em mente, podemos averiguar em que medida o protagonista Tiu é um antropófago.

Cartas de um sedutor é um livro complexo de estrutura irregular, composto por fragmentos desiguais de diferentes registros textuais: narrativas, cartas, contos, e até teatro. O que os une, de modo a que possamos estabelecer um fio condutor que percorre toda a obra e classificá-la como romance, é Stamatius, pois ele é o autor ficcional de todas essas partes. Se, em algumas, ele próprio é o narrador e discorre sobre sua vida, em outras, estamos diante de novas vozes, com percursos e histórias absolutamente distintas. A maior parte delas desaparece tão rapidamente quanto surge, mas não antes de deixar uma vívida impressão no leitor, quer por seu humor, quer por sua tragicidade. Para compreender, portanto, a conexão entre todas essas peças, devemos olhar para o ponto em que convergem, Tiu e sua trajetória.

Stamatius nasceu e cresceu em uma família abastada e burguesa, porém, quando revolve tornar-se escritor (conduzido por uma força maior que desperta em sua consciência), perde tudo, dinheiro, mulher, casa, dentes, porque nenhum editor estava disposto a publicar seus livros, muito difíceis e sérios para o paladar de leitores acostumados com *best-sellers* de “fácil digestão”. No entanto, ele conserva mais viva do que nunca a potência de sua escrita, que transborda na forma dos inúmeros relatos que compõem *Cartas de um sedutor*.

3 CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2002, p. 220.

Como diria Oswald de Andrade: “a vida é devoração pura”⁴. Impassível, não se compadece do sofrimento humano, e não poupa ninguém. Sempre à espreita, aguarda o momento de dar o bote, e levar consigo tanto quando for possível. Frente a isso, muitos optam pelo caminho mais fácil: o anestesiamiento dos sentidos, a tranquilidade da alienação, a autocondescendência. Ilusões das quais o capitalismo soube tirar proveito, fortalecendo-se através da propagação do consumo e da acumulação. Em uma sociedade onde ter é ser, Stamatius caminha na contramão. A vida, com sua voracidade, arrancou-lhe (engoliu) tudo. Mas nada disso era essencial. O que restou, o escombros da devastação, foi ele apenas mesmo, o homem “vazio de bens, pleno de absurdo”⁵. Somente ao perder, Stamatius pôde, enfim, aprofundar-se na consciência e no sentido de ser humano. O resultado é que presenciamos no romance. Um ser dividido, fragmentado, multiplicado.

Embora encontremos algumas cenas e reflexões sobre canibalismo ao longo da narrativa, nenhuma dela está diretamente relacionada a Tiu. Quer dizer, se o classificamos como um antropófago não é porque ele se alimenta de carne humana, e, sim, porque ao ser excluído da estrutura social, sua vida acaba por tornar-se a expressão de uma resistência ao utilitarismo pregado pelas sociedades ocidentais. Afinal, ele não demonstra nenhum desejo de recuperar o seu status. Ao invés disso, imiscui-se cada vez mais na sujeira do mundo e da vida, abandonando-se ao ostracismo e a condição de mendigo, uma vez que já não há mais sentido em compactuar com as mentiras compartilhadas, sustentáculos do poder capitalista, patriarcal e religioso. Sua força lembra em muito o instinto Caraíba do qual fala Oswald em seu manifesto, ou seja, a força do homem livre, que não foi moldado, polido, por uma cultura opressora. O selvagem sem fé, nem lei, nem rei, que, ao invés de esconder-se da verdade e dos perigos da vida, enfrentam-na, fazem dela seu jantar.

Porque audaciosamente foi capaz de questionar tanto o mundo que lhe cercava quanto a si mesmo, Stamatius rompeu com um modelo de subjetividade fechado, cujos

4 ANDRADE, Oswald de. “A crise da filosofia messiânica”. IN: *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 1990, p. 101.

5 HILST, Hilda. *Com meus olhos de cão*. São Paulo: Globo, 2006, p. 65.

limites são claros e bem definidos, tal qual se dá nas sociedades de tradição ocidental. Consequentemente, aproximou-se do paradigma identitário indígena, que, conforme elucidou Viveiros de Castro, é inconstante, pois está aberto a mudanças e transformações. Enquanto o primeiro vê no Outro a alteridade como oposição e diferença, o último encara-o como possibilidade de autotransfiguração. Assim se dava entre as tribos que praticavam a antropofagia ritual: ao comer o inimigo morto em batalha, pretendiam não assimilar suas qualidades, mas transformar-se através dele.

Nosso narrador-mendigo-antropófago, eventualmente, percebe que “todos se engolem”⁶, e, num movimento inverso ao do canibalismo, decide parar de engolir. Começa, então, um processo de regurgitamento: os pedaços e fragmentos de diferentes personagens e histórias são vomitados para compor o corpo caótico e desmembrado do texto. Contraditoriamente, nada mais antropofágico do que isso. Ao dar voz à multiplicidade de seres que coexistem em si, Stamatius, de maneira análoga ao ritual indígena, manifesta uma espécie de contraontologia, isto é, vai “contra a soberania solipsista do Ser”⁷. De certa forma, o isolamento mostrou-lhe que o ser humano é múltiplo, e, ao mesmo tempo, vazio. Todos e ninguém. A única saída que Tiu encontra perante essa dura constatação é a solidariedade, que por estar ausente não só do romance, mas, acima de tudo, da vida e das relações contemporâneas, nos condena, todos, à irreversível solidão:

o que é solidário, benzinho?
é não ser assim tão solitário.⁸

6 HILST, Hilda. *Cartas de um sedutor*. São Paulo: Globo, 2002, p. 124.

7 CASTRO, Eduardo Viveiros de. “Que temos nós com isso?” IN: AZEVEDO, Beatriz. Op. cit., 17.

8 HILST, Hilda. *Cartas de um sedutor*, p. 169.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Oswald de. “A crise da filosofia messiânica”. IN: *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 1990.

AZEVEDO, Beatriz. *Antropofagia – Palimpsestos selvagens*. São Paulo: Cosac Naify, 2016.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

HILST, Hilda. *Cartas de um sedutor*. São Paulo: Globo, 2002.

HILST, Hilda. *Com meus olhos de cão*. São Paulo: Globo, 2006.